

NOVOS RUMOS MUSEU VALE DO RIO DOCE, EM VILA VELHA, QUER SER TAMBÉM ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE CONHECIMENTO NA ÁREA DE CULTURA

A história sobre trilhos

Museu da Vale vira referência nacional e guarda as memórias da estrada de ferro

MARCELO PEREIRA

Não é mais preciso correr para não perder o trem. Os passos apressados dos passageiros de antigamente foram substituídos pelo andar contemplativo e interessado dos visitantes que frequentam os três pavimentos da construção que um dia foi a Estação Pedro Nolasco e hoje abriga o Museu Vale do Rio Doce, em Argolas, Vila Velha.

Agora, a bem conservada locomotiva americana a vapor, construída em 1945 e conhecida como "Mikado", é um dos atrativos do lugar. O museu tem esse atributo. Conseguir, à primeira vista, transpor os visitantes para a época áurea das estradas de ferro.

Os detalhes arquitetônicos nos estilos neoclássico e art nouveau (com direito a colunas jônicas) emprestam um clima romântico ao lugar. Não à toa, entre os visitantes há uma legião de noivas e noivos dispostos a recheiar seus álbuns de casamento com esse cenário.

VIAGEM. A sensação de túnel do tempo se intensifica no acervo. Cerca de 160 objetos contam a história da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM), uma das vias férreas mais significativas economicamente para o Brasil. Por ela escoam



ATRAÇÃO. A locomotiva de 1945 integra o acervo do museu ferroviário, instalado desde 1998 no prédio da antiga Estação Pedro Nolasco, em Vila Velha. FOTOS: GILDO LOYOLA

ferramentas de construção e manutenção de linhas.

A concepção das salas é outro grande trunfo. Poderia-se pensar em algo sufocante, esmagador, entre tanto material de ferro e aço. Mas o projeto museográfico e a montagem final, assinadas pelo diretor do museu, Ronaldo Barbosa, conferem leveza ao acervo. Assim, os instrumentos de precisão, os objetos típicos de um trabalhador ferroviário, não intimidam o visitante.

A sensação de túnel do tempo se intensifica no acervo. Cerca de 160 objetos contam a história da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM), uma das vias férreas mais significativas economicamente para o Brasil. Por ela

ferrovia. Conter a criança para não colocar a mão é um exercício de paciência para visitantes mais crescidos.

CONHECIMENTO. Mas o museu não se limita ao passado da estrada de ferro. Ele é, antes de mais nada, um espaço destinado à arte contemporânea e transformou Vila Velha em referência brasileira no assunto. Para se ter uma idéia, a mostra internacional "Os Múltiplos de Joseph Beuys",

estão expostas ali não passam nem perto do cotidiano dos moradores da região em que o museu está situado? Ronaldo Barbosa responde. "Aliamos uma proposta de conhecimento a partir da arte", diz, a respeito da crítica ao possível elitismo da programação e do público do espaço.

Durante a semana, o público escolar é recorrente por ali. Além de conhecerem o acervo fixo, com a história da Vitória-Minas, os estudantes

os seus trabalhos.

É possível imaginar o orgulho dos pequenos em verem seus desenhos e esculturas com um tratamento diferenciado. E como criança que visita museu e gosta, geralmente costuma, pedir para voltar, os pais acabam também conhecendo o espaço. "As comunidades e bairros vizinhos ao museu já o colocaram afetivamente como um lugar especial, próprio de seu cotidiano", acredita o diretor.

Uma romântico ao lugar. Não à toa, entre os visitantes há uma legião de noivas e noivos dispostos a recheiar seus álbuns de casamento com esse cenário.

VIAGEM. A sensação de túnel do tempo se intensifica no acervo. Cerca de 160 objetos contam a história da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM), uma das vias férreas mais significativas economicamente para o Brasil. Por ela escoava a produção de minério de ferro de Minas Gerais para o Porto de Tubarão, em Vitória.

Esse histórico é dividido em duas partes: um pavimento do museu é dedicado às etapas da construção da linha de ferro e outro, à estrutura e ao maquinário usado ao longo dos 100 anos da estrada.

São equipamentos de sinalização e iluminação, aparelhos de comunicação e transporte, relógios, trilhos, instrumentos de engenharia,

ferramentas de construção e manutenção de linhas.

A concepção das salas é outro grande trunfo. Poderia-se pensar em algo sufocante, esmagador, entre tanto material de ferro e aço. Mas o projeto museográfico e a montagem final, assinadas pelo diretor do museu, Ronaldo Barbosa, conferem leveza ao acervo. Assim, os instrumentos de precisão, os objetos típicos de um trabalhador ferroviário, não intimidam o visitante.

O último pavimento do museu abriga a maquete de uma ferrovia, com 34 metros quadrados de área construída – é a maior do país. É possível ter idéia do caminho do minério de ferro desde a extração, em Minas, até a exportação.

Porém, é bom frisar: não é a reprodução fiel de toda a extensão da EFVM, mas somente pontos de destaque. Mesmo assim, os marmanjos e a garotada adoram. Afinal, a maquete é animada, os

A sensação de túnel do tempo se intensifica no acervo. Cerca de 160 objetos contam a história da Estrada de Ferro Vitória-Minas (EFVM), uma das vias férreas mais significativas economicamente para o Brasil. Por ela escoava a produção de minério de ferro de Minas Gerais para o Porto de Tubarão, em Vitória.

trenzinhos imitam o vai-e-vem de verdade do transporte de passageiros e de carga. Foi construída em seis meses por três ex-funcionários da

ferrovia. Conter a criança para não colocar a mão é um exercício de paciência para visitantes mais crescidos.

CONHECIMENTO. Mas o museu não se limita ao passado da estrada de ferro. Ele é, antes de mais nada, um espaço destinado à arte contemporânea e transformou Vila Velha em referência brasileira no assunto. Para se ter uma idéia, a mostra internacional “Os Múltiplos de Joseph Beuys”, de 1999, começou sua itinerância no Brasil a partir do Museu Vale do Rio Doce.

No ano seguinte, o espaço para as exposições foi ampliado, com a restauração do antigo galpão de 800 metros quadrados da Estação Pedro Nolasco, agora transformado em galeria de arte que, até 17 de setembro, abriga a exposição “Babel”, do artista plástico carioca Cildo Meireles.

Mas como não pensar no fato de que obras como as que

estão expostas ali não passam perto do cotidiano dos moradores da região em que o museu está situado? Ronaldo Barbosa responde. “Aliamos uma proposta de conhecimento a partir da arte”, diz, a respeito da crítica ao possível elitismo da programação e do público do espaço.

Durante a semana, o público escolar é recorrente por ali. Além de conhecerem o acervo fixo, com a história da Vitória-Minas, os estudantes têm contato com as criações dos artistas. E de uma maneira que passa bem longe do esquema de “só é para olhar”.

ESTÍMULO. Os estudantes são estimulados a criar e manipular materiais (sejam tintas, massa de modelagem ou material de escultura) tendo como base o processo criativo do artista em questão. E os aprendizes recentemente ganharam uma sala, a da Arte-Educação, onde são expostos

os seus trabalhos.

É possível imaginar o orgulho dos pequenos em verem seus desenhos e esculturas com um tratamento diferenciado. E como criança que visita museu e gosta, geralmente costuma, pedir para voltar, os pais acabam também conhecendo o espaço. “As comunidades e bairros vizinhos ao museu já o colocaram afetivamente como um lugar especial, próprio de seu cotidiano”, acredita o diretor.

O trabalho com a arte-educação vem a calhar com outro processo que o museu iniciou este ano: ser um pólo de debate e conhecimento. Em março deste ano, o seminário “Arte e Pensamento” reuniu artistas, filósofos e estudantes, transformando o museu em templo de análise. Encontros como este vão se tornar frequentes futuramente. Até a física pode render bons colóquios. Com a estrada de ferro por testemunha.

OS DESTAQUES DO MUSEU



■ **Educação.** A sala de múltiplos meios é a nova aquisição do Museu Vale do Rio Doce. Guarda os trabalhos dos estudantes e jovens que participam de oficinas e minicursos de arte a partir do que eles vêem no Galpão de Arte Contemporânea. Os alunos conhecem um pouco do processo criativo do artista em questão e elaboram trabalhos próprios. O espaço é mais uma prova da ênfase que o museu tem em unir acervo e conhecimento.

■ **Atração.** A maquete ferroviária é a última etapa da visita. Até chegarem lá, os visitantes se informam sobre o processo de construção e evolução da centenária

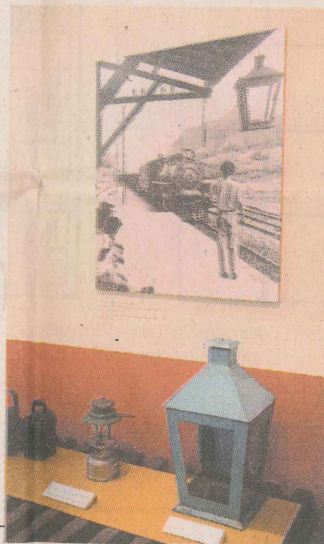
Estação Estrada de Ferro Vitória-Minas. Com a maquete, eles podem ter uma idéia global do que é o trajeto férreo. Os trenzinhos simulam os principais destaques do caminho do minério



rio de ferro, que sai de Minas Gerais para o Porto de Tubarão, em Vitória.

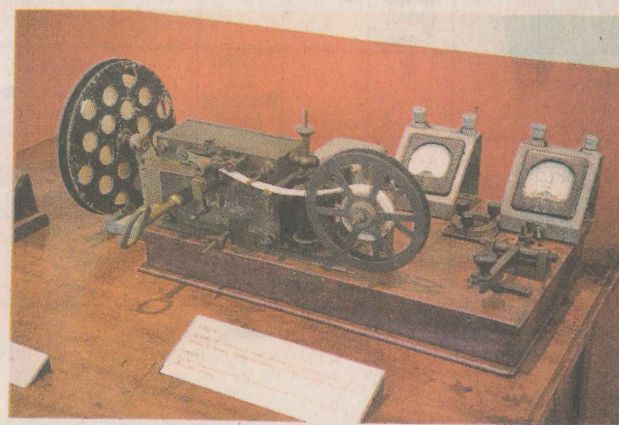
■ **Atenção, passageiros.** Uma sala do museu guarda equipamentos usados nas estações. Algumas já nem existem ou então se transformaram em plataformas de manutenção, já que não há mais paradas de passageiros. Mas, o acervo dá idéia do trabalho que era manter a linha funcionando. Iluminação elétrica ainda era um sonho distante. A escuridão era driblada com lâmpões e lanternas a óleo. Na foto, antiga Estação Vasco Fernandes Coutinho, que ficava localizada em Cariacica.

■ **Não deixe de ver (e degustar).** O Café do Museu é um



charmoso vagão de passageiros transformado em café e restaurante. Sob o comando da chef Cléo, o cardápio oferece culinária italiana com apresentação contemporânea. Funciona de terça a domingo, das 10 às 18h. Sexta, até 1h da manhã, com música a vivo. (27) 3326-8190.

■ **Cálculos.** A Estrada de Ferro-Vitória Minas começou a ser construída em 1903. Estudos topográficos e de engenharia eram necessários para se achar o melhor traçado entre Minas Gerais e Espírito Santo. Os registros identificam que a fer-



rovia “travou uma batalha formidável para vencer distâncias enormes, a insalubridade das regiões quase inóspitas, cobertas de flo-

restas e charcos...” Os aparelhos de medição resistiram e são testemunhas da supremacia humana sobre a natureza.



■ **Internet da época.** O trem também trazia notícias. Pelos jornais, pelos passageiros ou pelo telégrafo, o meio de comunicação mais rápido de uma linha férrea antes do advento dos rádios-comunicadores.

■ **Funcionamento.** O Museu Vale do Rio Doce fica na antiga Estação Pedro Nolasco, s/n, Argolas, Vila Velha. Funciona de terça a domingo, das 10 às 18h. Sexta, das 12 às 20h. A entrada é franca. (27) 3246-1443. Visitas monitoradas: (27) 3246-1443.